

## **CULTURA RIBEIRINHA: a vida cotidiana na Ilha do Combu/Pará**

**Sônia Socorro Miranda Batista<sup>1</sup>**

### **Resumo**

O presente artigo descreve a cultura ribeirinha e a vida cotidiana na ilha do Combu (Belém-Pará) situando a particularidade e singularidade. Evidencia as práticas e os fazeres subjetivos na relação do homem com a natureza. Registra também a tradição dos hábitos, valores, costumes e crenças intensificadas nos moradores da ilha. Em termos metodológicos, trata-se de uma pesquisa etnográfica baseada na caracterização da cultura ribeirinha e da vida cotidiana.

**Palavra chaves:** cultura, vida cotidiana, ribeirinho.

### **Abstract**

This article describes the culture riverside and the daily life on the island of Combu (Bethlehem-For) closed the particularity and uniqueness. Highlight the practices and forms of doig subjective in the relationship of man with nature. Also Records the tradition of the habits, values, customs and beliefs intensified in residents of the island. In methodological terms, this is a ethnographic research based on characterization of culture riverside and of everyday life..

**Key-words:** culture, daily life, riverside.

## **1- INTRODUÇÃO**

O *locus* desta pesquisa é a Ilha do Combu maior produtora de açaí da região insular de Belém (PA), localizada ao sul da cidade de Belém aproximadamente a 1,5 km e tem como espaço territorial cerca de 15km, pertencente ao Distrito de Outeiro (DAOUT). Segundo a Coleção Mapas da cidade (vol. Nº 01, 2000, p.84) esta Ilha é considerada uma Área de Proteção Ambiental (APA) através da lei nº 6.083, de 13 de novembro de 1997.

Apresenta área de terra firme e várzea com típicos solos em ambas, tendo como vegetação a floresta secundária. A área insular representa mais da metade da

---

<sup>1</sup> Mestre. Universidade Federal Do Pará – UFPA. [sonia\\_batista63@hotmail.com](mailto:sonia_batista63@hotmail.com)

área total, o que indica que o município é predominantemente um arquipélago (IDESP, PARÁ, 1998).

Considerando o objetivo desta pesquisa optou-se pela etnografia como abordagem de investigação científica, pois evidencia contribuições no campo das pesquisas qualitativas que se interessam pelo estudo das desigualdades e exclusões sociais, atendendo à realidade de particularidades produzidas pelos moradores da ilha do Combu.

Para compreender o processo cultural na Ilha do Combu foi preciso considerar as peculiaridades do contexto amazônico impactado pelas transformações ocorridas nas últimas décadas e este exercício suscita algumas evidências, isto é, a tradição dos hábitos e costumes que oscilou entre períodos de estagnação e expansão econômica relacionados à formação colonial brasileira, o que favoreceu não somente à elite local, a qual detém até os dias atuais o domínio político e econômico no que tange à formulação de políticas públicas como tem sido uma característica presente nos processos culturais dos diferentes sujeitos, em circunstâncias particulares, como tem sido observado na Ilha do Combu.

Tudo, porque os ribeirinhos belemenses situados nessas ilhas convivem com um *modus vivendis* que agrega elementos de populações características, numa imbricada relação com a modernidade da metrópole, evidenciada na busca de um modo de viver instrumentado pela cultura ribeirinha conservado por seus habitantes como fazem os moradores da Ilha do Combu.

## 2 CULTURA RIBEIRINHA DA ILHA DO COMBU

A cultura é um processo histórico permanente e inevitável, do ser humano, logo, representa o sujeito produtivo com o objeto produzido. Os homens são seres culturais por natureza, “a partir dela o homem se identifica e modifica de acordo com as suas necessidades” (VANNUCCHI 2002, p. 24)

Para Lima (2004), os ribeirinhos são identificados como um tipo de população tradicional, orientada por valores que regem um modelo de comportamento comunitário dos recursos naturais. Condição essa corroborada, por Corrêa (*apud* SILVA, 2005), ao explicar que o termo ribeirinho pode ser entendido como uma categoria que permaneceu às margens dos rios, afetada pela negligência das políticas públicas e sociais, à revelia da expansão de projetos agropolíticos e de debates

nacionais ou internacionais sob o seu habitat<sup>2</sup> que é ao mesmo tempo significação, percepção e reprodução social e simbólica.

O ribeirinho enquanto categoria designativa favorece a identificação de elementos definitórios como: modo de vida, aproveitamento e exploração de recursos naturais, ocupação e apropriação do território, identidade cultural e simbólica, crenças e valores. Compreender a cultura ribeirinha implicou, inicialmente, na análise histórica da formação dos grupos (indígenas, imigrantes portugueses, imigrantes nordestinos e populações negras) que a consolidaram. A necessidade de sobrevivência que levou o homem, desde os primórdios da civilização, a fixar na natureza certos padrões e ritmos que o adaptaram as novas formas de atividades (plantar, colher, caçar etc.) que confrontaram, enfrentaram, alteraram e modificaram a relação entre ele e as componentes naturais (floresta, solo, animais, água etc).

Na Amazônia os ribeirinhos tentam preservar sua cultura de uso, apesar da desestruturação provocada pelo capital, como ocorreu e ocorre em varias regiões brasileira. Para isto encontra no potencial capacidade mobilizadora de seus moradores e sob o apelo dos vínculos familiares habilidade para resignificar a exploração dos recursos naturais e preservar sua cultura partícula de vida.

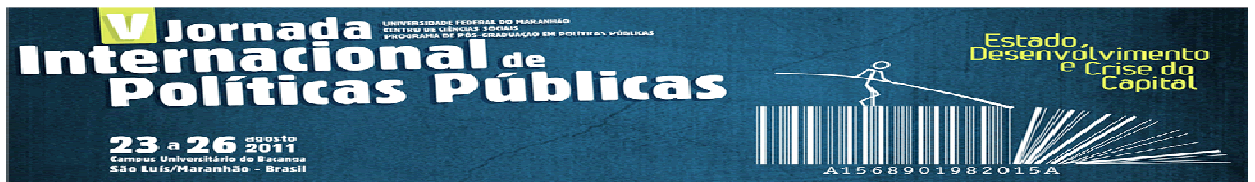
Assim, a alteração dos antigos padrões culturais e sua substituição por novas formas de organização social não é realizada, espontaneamente pelos grupos, mas, ao contrário, resulta de uma imposição mediada pelo Estado e pelo capital, quando o primeiro deveria atuar como guardião minimamente igualitário dos direitos sociais.

Portanto, o homem, se afigura como um instrumento ou uma forma da natureza que aprendeu a viver, transformando-se em sujeito de cultura, através de direitos e deveres; logo, um ator social que estabelece interação e integração, mais complexas com outros homens, que produzem sua inventividade de acordo com o meio em que estão inseridos, pois, esse oferece elementos (floresta, solo, rio e furos), para a construção da cultura, que nasce da relação com os mesmos, estabelecendo-se o habitat. Dessa forma, a natureza representa o símbolo de sua inspiração, codificado e utilizado como formas de vida peculiar dos sujeitos.

Bourdieu (2009, p.10) reafirma esta ideia, quando diz que:

---

<sup>2</sup> Neste, habita a população que foi sendo constituída, de homens, mulheres, jovens e crianças que nasceram, viveram e se criaram à beira dos rios, denominados de “beiradeiros”, também chamados de caboclos.



[...] os símbolos são os instrumentos por excelência da “integração social”: enquanto instrumentos de conhecimento e de comunicação, eles tornam possível o *consensus* acerca do sentido do mundo social que contribui fundamentalmente para a reprodução de ordem social [...]

Os símbolos são formas que vão determinar a relação entre o homem e a natureza, com significados que determinam valores, costumes e crenças dos grupos sociais; onde, a construção social da consciência tem início na comunicação, mediante a relação do sujeito com o mundo. Portanto, é importante lembrar que toda a comunicação ocorre dentro de um contexto cultural e social. Neste sentido, a cultura é determinante na comunicação e na forma como as organizações sociais influenciam ou exercem o poder sobre o comportamento, representado pela forma de aprender.

A cultura ribeirinha se desvenda nas práticas ou nos fazeres do dia-a-dia. Os moradores da Ilha do Combu mantêm assim, as tradições culturais principalmente na alimentação, nos remédios caseiros feitos à base de plantas do terreiro<sup>3</sup> de suas casas, ou plantados em paneiros<sup>4</sup> pelos próprios moradores.

Os atores que difundiram a cultura dos remédios caseiros dentre eles estão: os avós, a mãe, a sogra. Como diz Loureiro (2009), a população da Amazônia auxiliou-se do meio da biodiversidade para desenvolver um amplo conhecimento a partir da vivência e da relação estabelecida com a natureza, produzido por índios, caboclos, negros e outros; integrando-nos, em sua vivência cotidiana, como elementos vivos da cultura.

Essa cultura se faz presente em hábitos que, na cidade, passam por grau maior de sofisticação; ou seja, a maioria dos moradores do Combu, toma banho no rio, pois consideram que, além de relaxar há interação com a natureza que o identifica e purifica o homem no seu imaginário, não somente pela beleza natural, mas como um ato de higiene e parte de um símbolo que representa a cultura local.

O homem, como ser cultural, consegue humanizar-se pelo diálogo e reconhecer que a conscientização é o reencontro de si mesmo coexistindo em liberdade (FREIRE, 2005), pois, a cultura permite ao homem adaptar-se ao seu meio, e, igualmente, adaptar este meio a si próprio, através das suas necessidades e projetos. Com ela, tornou possível a transformação da natureza, fazendo com que a cultura configure o mapa da própria vida social, o que consiste em valores e

---

<sup>3</sup> É o termo usado pelos moradores para designar pequeno espaço que fica no entorno da própria residência;

<sup>4</sup> Objeto a base de fibra vegetal usado para armazenar frutos coletados;

imaginários que representam o patrimônio espiritual de um povo, quanto ao cotidiano, a partir da vida social significativa do trabalho e da comunicação.

Assim, a cultura de um povo deve ser compreendida de acordo com a realidade à qual pertence, ou seja, compreendida como algo que pode ser descrito de forma concreta. Para Heller (2008, p.34), o fato de o saber popular estar, vinculado à vida cotidiana, significa que a “vida cotidiana não está ‘fora’ da história, mas no ‘centro’ do conhecer histórico: é a verdadeira essência da substancia social”.

### 3 VIDA COTIDIANA NA ILHA DO COMBU

Para a mesma autora a vida cotidiana é a constituição e a reprodução do próprio indivíduo e, conseqüentemente, da própria sociedade, através das objetivações. Esse processo se caracteriza por reprodução, para efetivar, pressupõe uma ação do homem sobre o objeto, transformando-o para seu uso e benefício. A vida cotidiana, portanto, é a vida do sujeito em todos os seus aspectos, sua individualidade, sua personalidade. Nela coloca-se em funcionamento todos seus sentidos, suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, suas paixões, suas ideias e ideologias.

Sendo assim, a formação do sujeito começa na vida cotidiana desde o nascimento até a inserção no universo cultural humano estendendo-se por toda a vida. A mesma autora explica que a vida cotidiana é parte inerente à existência de todo e qualquer indivíduo.

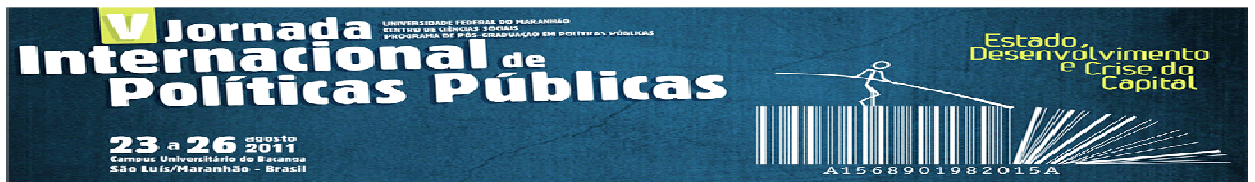
Então, o aprendizado, apresentado nos relatos dos moradores da Ilha do Combu, que disseram ou (dizem) ter aprendido, além dos remédios caseiros, outros saberes, como: fazer a peconha<sup>5</sup>, o tupé<sup>6</sup>, a trabalhar, a respeitar as pessoas, a buscar conhecimento para viver uma vida honesta, a fazer comida, a plantar, a pescar, tomar banho e nadar no rio, a apanhar açai e a jogar tarrafa<sup>7</sup>, o importante é dar continuidade à educação de uma geração de cultura que representa a identidade desses moradores.

---

<sup>5</sup> Instrumento típico confeccionado com a palha do açazeiro para subir na palmeira e possibilitar a captura do fruto;

<sup>6</sup> Objeto a base de fibra vegetal utilizado para secar a semente de cacau;

<sup>7</sup> Rede feita com linha de nylon para capturar peixe.



O cotidiano é aqui concebido como referência a vida de todos os dias e de todos os homens de um determinado tempo/lugar, referindo-se às atividades rotineiras, banais que expressam e fundamentam um modo de existência. Assim, a vida cotidiana é como “aquela vida dos mesmos gestos, ritos e ritmos de todos os dias (inclusive) os sonhos, desejos, insatisfações, angústias, opressão, mas também segurança”, (CARVALHO, 1994, p.23).

O homem ao fabricar um produto cultural se constrói subjetivamente, ao estabelecer uma vinculação entre o mundo interior e o mundo exterior, ou seja, o “eu” e o mundo. Isto transparece a produção de um modo de existência social como parte do mesmo processo em que envolve as dimensões do abstrato/concreto, do heterogêneo/homogêneo e uma realidade hierarquizada face às possibilidades ilimitadas da renovabilidade social.

Geertz (1989), ao analisar a cultura como essencialmente semiótica (representa os signos dos sistemas de significado), afirma que o homem é um animal amarrado às teias de significados que ele mesmo teceu; portanto, é preciso considerar os humanos em sua trama e os distinguir a partir de comportamentos espirituais e materiais, intelectuais e afetivos que caracterizam os diversos grupos sociais, o que abrange, além das artes, os modos de vida; as maneiras de viver e conviver; os sistemas políticos, jurídicos, religiosos, econômicos e sociais; as tradições; os valores; e as crenças.

Portanto, a vida cotidiana dos moradores da ilha se resume nas atividades realizadas, diariamente, como: lavar roupa, fazer comida, pescar, caçar, cuidar dos porcos, galinha, pato, ir estudar etc., neste sentido ocorre uma relação com a natureza, contrastante com a particularidade existente entre a Ilha do Combu e a cidade de Belém.

Neste sentido, Heller (2008) explica que o homem nasce já inserido na cotidianidade, amadurece adquirindo todas as habilidades indispensáveis para a vida cotidiana. Essa relação do homem com a natureza, ou seja, a forma de apropriação e o modo como vivem e, atribuem significados, têm influência e interação com as necessidades do dia a dia.

Isto significa que a interação baseada em valores construídos na cotidianidade e nas novas demandas econômicas, sociais e espaciais, considera o espaço como um elemento constitutivo das relações sociais entre sujeitos e a natureza, não os entendendo como palco, mas como vivências dos moradores na ilha.

#### 4 A PROXIMAÇÃO EMPÍRICA

A abordagem qualitativa norteou esta pesquisa, tendo a etnografia como base para a aplicação das questões e os pressupostos fenomenológicos como forma de caracterizar os eixos norteadores voltados aos moradores da Ilha do Combu. Este tipo de abordagem permite descrever, observar e compreender os aspectos subjetivos que se apresentam nos fenômenos sociais, difíceis de serem quantificados.

A pesquisa de campo foi realizada em 4 (quatro) meses, contando com uma amostra definida pelos seguintes critérios: a) moradores idosos (homens e mulheres com 60 anos ou mais); b) moradores adultos (homens e mulheres de 26 a 59 anos); e jovens (de ambos os sexos de 14 a 25 anos), também moradores da ilha que mantinham contato com a cidade de Belém. Para estabelecer esta classificação de jovem, adultos e idosos utilizou-se com base o Estatuto da criança, Adolescente e do idoso.

A amostra composta por 10 (dez) moradores, correspondendo a 1,4% do universo de 700 (setecentos) habitantes, porém sua representatividade decorre do critério adotado por Crespo (1997), isto é, uma amostra simples definida através de sorteio envolvendo valores ou algarismo de 0 a 9 (zero a nove) sorteado ao acaso por 4 (quatro) vezes para definir os moradores visitados na localidade Igarapé do Combu e por 6 (seis) vezes para definir os moradores da localidade Beira de Rio.

A pesquisa demonstrou que a cultura ribeirinha dos moradores da ilha (jovens, adultos e idosos) evidencia na alimentação, remédios caseiros, hábitos, costumes e valores que se apresenta a vida cotidiana.

A narrativa dos pesquisados descobre que a cultura é construída da relação do homem com a natureza de onde retiram a matéria prima para produzir os símbolos que são codificados e decodificados por meio da linguagem de acordo com a particularidade e singularidade da vida cotidiana dos moradores da Ilha do Combu.

Outros aspectos foram observados durante a pesquisa, porém, não serão aqui abordados, considerando a complexidade que enseja os estudos que versam os moradores ribeirinhos

## 5 Conclusões aproximadas

O estudo relativo a cultura ribeirinha dos moradores da Ilha do Combu esta relacionada com a vida cotidiana em que as atividades habitualmente realizadas fazem parte do dia-a-dia do homem que aprende com o diálogo entre os grupos, assumindo assim diferentes papéis no contexto social.

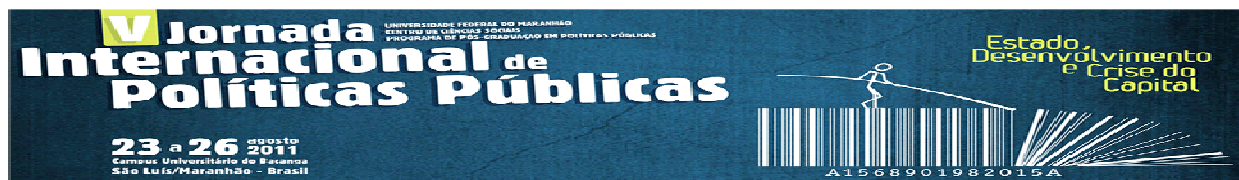
Nesse sentido, a vida cotidiana intensifica a produção da cultura desses moradores que aprendem a fazer na relação com o outro e com a natureza, devido a vivência estabelecida entre eles. Através do meio se humanizam e constroem sua própria cultura que os identifica como ribeirinho que vivem a beira dos rios da Amazônia.

As atividades desenvolvidas passam a formar hábitos, costumes, valores, crença e modo de viver dos moradores da ilha e através deles conseguem escrever a história de vida. Então percebe-se que a cultura dos moradores da ilha apresenta uma subjetividade diferente de outras culturas devido a intensificação da produção com a natureza de onde é retirado matéria prima e produzido objetos que servem de símbolo à cultura. Esses moradores vivem de forma muito singular a temporalidade e a particularidade passa a ser construída por eles de acordo com as habilidades desenvolvidas no meio em que vivem.

Então a prática dos combuenses está presente uma cultura diversa, vinda de diferentes povos: indígenas, imigrantes portugueses, imigrantes nordestinos e populações negras. Todos transformados em habitantes da várzea e vinculados a um saber que lhes popularizou como habitantes “da beira do rio e das florestas”. Atualmente são impactados com os grandes projetos implantados no entorno da ilha.

Assim, o cotidiano exerce na vida do indivíduo a qualidade de dar forma, direção e rumo para essa vivência diária. Permite ao sujeito que neste caminho, exponha o seu estilo de vida, o ser, que ao mesmo tempo é compartilhado e reconhecido pelo outro, constituindo-se a história social. As atividades assumem diferentes papéis, dependendo do contexto em que são realizadas, as cultura sociais. E é neste entendimento que se apresenta a vida cotidiana dos moradores da Ilha do Combu, que vivem de cultura construída da relação com a natureza, retirando dela a sua sobrevivência.





## 6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOURIDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**: tradução Fernando Tomaz (português de Portugal). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação popular**. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- \_\_\_\_\_. **A educação como cultura**. Campinas. São Paulo: Mercado de Letras, 2002.
- CARVALHO, Maria do Carmo Brandt e J.P Neto. **Cotidiano**: Conhecimento e crítica. São Paulo, Cortez, 1994.
- CORRÊA, Ana Maria Maciel. **Permanências e Mudanças Sociais Numa Comunidade Ribeirinha**: Colares. Dissertação (Mestrado em Serviço Social)-Instituto de Ciências Sociais, Universidade Federal do Pará, Belém, 2008, p. 147.
- CHARLOT, Bernard. **Da Relação como Saber**: elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- COSTA, Cristina. **Sociologia: introdução à ciência da sociedade**. 2 ed.. São Paulo: Moderna, 1997.p.1-11.
- CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**: 2 ed. Bauru: EDUSC, 2002.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa: São Paulo:Paz e Terra, 1996. p. 24-40
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTDA. 1989.
- LIMA, Deborah de Magalhães. Ribeirinhos, Pescadores e a Construção da Sustentabilidade nas Varzeas dos Rios Amazonas e Solimões. *In: Boletim Rede Amazônia: Diversidade Cultural e Perspectivas Socioambientais*. Ano 3, n. 1, 2004.
- LOUREIRO, João de Jesus Paz. **A Amazônia no século XXI**: novas formas de desenvolvimento. São Paulo: Editora Emporio do Livro, 2009.
- \_\_\_\_\_, João de Jesus Paz. **Cultura Amazônica**: uma diversidade diversa. *In: Diversidade Cultural brasileira*. Belém: Casa Rui Barbosa, 2005.
- HELLER, Agnes. **O cotidiano e a História**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazio Afonso de. **Etnografia da prática escolar**. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1995. (serie Prática Pedagógica)
- OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. **Saberes da Terra, da mata e das águas, saberes culturais e educacionais**. Cartografias Ribeirinhas: saberes e representações sobre práticas sociais de alfabetização Amazônica. Belém: CCSE-UEPA, 2003.
- BELÉM, Prefeitura Municipal. **Anuário Estatístico do Município de Belém**. V.3. Belém, 1995.
- \_\_\_\_\_. **Secretaria Municipal de Cordenação Geral do Planejamento e Gestão**. Anuário Estatístico do Município de Belém. Belém: v.3, 1996. p,17-18.
- MOREIRA, Ediorfe. **Belém e sua Expressão Geográfica**. *Belém (PA)*: Imprensa Universitária, 1966. p. 27
- TRINDADE JUNIOR, Saint- Clair Cordeiro da et al. **Belém: a cidade e o rio da Amazônia** .Belém: EDUFPA,2005.
- VANNUCCHI, Aldo. **Cultura Brasileira**: O que é como se faz. 3.ed. São Paulo: Lojala, 2002, p. 20-25